

Palavra de Mulher, Constância Lima Duarte entrevistada por Iara Barroca

Iara Barroca
Universidade Federal de Viçosa

Iara Barroca (IB): *Fale de sua formação acadêmica, que cargo ocupa atualmente.*

Constância Lima Duarte (CLD): Tenho doutorado em Literatura Brasileira, defendido na USP em 1991, e sou professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG. Mas continuo como voluntária, dando cursos, pesquisando e orientando. Desde 2011 coordeno um Grupo de Pesquisa na UFMG – Letras de Minas/Mulheres em Letras – que reúne professoras de diversas instituições do Estado, dedicado a estudar a obra de escritoras brasileiras e a organizar eventos visando sua divulgação.

IB: *O foco da sua obra, no caso a literatura de autoria feminina, é algo pouco explorado, mesmo no meio acadêmico. Isso reflete de alguma forma a condição da mulher dentro da sociedade? Mesmo a sociedade ocidental que apregoa uma suspeitável igualdade de “gêneros”?*

CLD: Não, não é bem assim. Os estudos envolvendo a mulher, a literatura e as artes, em geral, estão hoje na ordem do dia nas universidades brasileiras e em muitas estrangeiras. E poderia completar: ainda bem, já era hora disso acontecer. Até uns vinte anos atrás — eu concordo — o estudo sobre a mulher escritora ou a sua representação na literatura não era nem considerado um objeto legítimo de pesquisa. A consolidação de trabalhos dessa natureza é resultado da iniciativa de grupos de pesquisadoras de desenvolver estudos, apresentar resultados de suas pesquisas nos congressos da área. E a tendência de expansão dessa linha de trabalho é inegável, basta observar o número crescente de livros publicados, de dissertações, teses que a todo momento são defendidas. Mas concordo que é questionável a igualdade de ‘gêneros’ apregoadas pela sociedade ocidental. Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, ainda persistem nichos patriarcais de resistência. Basta lembrar o salário inferior, a presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e a ancestral violência

que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física. Ainda falta muito, é verdade. Mas um dia chegamos lá.

IB: *O fato de ter se dedicado aos ensaios, críticas e perfis de autoras que foram importantes, não apenas do ponto de vista literário, mas sobretudo dos modos e costumes – como a potiguar Nísia Floresta – com uma visão que alia academicismo e acessibilidade de linguagem, de certa maneira não tolheu dentro de você uma potencial escritora de poemas, contos e/ou crônicas?*

CLD: Sinceramente respondo que não. Sou uma professora de literatura que gosta de ler, de pesquisar e de escrever sobre temas da literatura. Não guardo nenhum desejo oculto de fazer poemas ou contos. Se tento escrever de forma acessível é porque gostaria que mais pessoas tivessem acesso às informações, e não apenas os iniciados na temática.

IB: *Como vê a produção intelectual brasileira em geral? E a especificamente feita por mulheres?*

CLD: Sou muito otimista no que diz respeito à produção intelectual brasileira, em especial à de autoria feminina. Basta acompanharmos, através da mídia ou dos congressos, as inúmeras publicações e lançamentos ocorridos nos últimos meses, para constatarmos a riqueza da diversidade que existe hoje na literatura. A todo momento surgem escritoras das mais diferentes regiões do país, oriundas de diferentes etnias e classes sociais. E estes são fatores realmente novos na literatura brasileira, que até outro dia reduzia-se ao trinômio “branca, masculina e da elite”. A contribuição que estas novas vozes trazem para a literatura é incalculável, pois representa um arejamento, uma abertura antes impensável.

IB: *Você acredita que existe uma literatura feminina, ou não há uma distinção relevante?*

CLD: Esta é uma questão polêmica, e que sempre é apresentada quando se fala em literatura de autoria feminina. Eu penso que sim, que pode existir uma especificidade no texto escrito por uma mulher. Basta que ela deixe em seu texto as marcas de sua vivência, ou de sua experiência, se preferir. Tal questão só passou a ser colocada quando as mulheres entraram no mundo das letras. Antes, quando só os homens escreviam, seus escritos se confundiam com a própria ideia de Literatura. Já a diversidade contemporânea permite, e até instiga, a que grupos tradicionalmente excluídos do poder cultural reivindiquem uma marca identitária específica, para o que escrevem.

IB: *Quais são para você as grandes escritoras brasileiras?*

CLD: Que pergunta difícil! Elas são tantas que nem vou conseguir relacioná-las todas. Mas cito alguns nomes, já antecipando que muitos outros, que também admiro, ficarão de fora. Dentre as mais antigas, lembro Nísia Floresta, Beatriz Brandão, Carmen Dolores e Emília Freitas. Dentre as poetisas do século XX, gosto muito de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Gilka Machado, Laís Corrêa de Araújo, Adélia Prado... Dentre as ficcionistas não poderia deixar de citar Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Lya Luft e Maria Valéria Rezende. E dentre as novíssimas, que chegaram para refundar a literatura brasileira, cito Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Lia Vieira e Cristiane Sobral, para não me estender muito. Eu avisei que a lista era grande, e ainda assim fica incompleta.

IB: *Falemos de Nísia Floresta, que foi tema de seu doutorado na USP. Que tipo de ambiente familiar fez surgir uma mulher tão à frente de sua época como Nísia Floresta? Sua família compartilhava de ideias avançadas? Ela teve preceptoras ou foi uma autodidata?*

CLD: Com certeza o ambiente familiar de Nísia Floresta contribuiu decisivamente para que ela pudesse estudar, e posteriormente escrever e publicar livros, até porque não era comum naquele tempo as meninas serem alfabetizadas e muito menos terem ideias próprias. Sobre os primeiros anos da vida de Nísia Floresta, sabe-se muito pouco. É provável que tenha estudado em um convento de irmãs francesas que existia em Goiana (PE), pois sua família residiu alguns anos nesta cidade. Também é provável que tenha recebido aulas particulares de preceptoras estrangeiras, pois era assim que as famílias esclarecidas e de posses educavam seus filhos. O que se sabe, ao certo, é que aos vinte anos, já residindo em Olinda, ela publica anúncios em jornais se oferecendo como professora para meninas. E, além da alfabetização e da aritmética, se propunha ensinar francês, italiano, Geografia e História do Brasil.

IB: *Qual a importância e repercussão que *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* chegou a ter na sociedade brasileira na época?*

CLD: Provavelmente sua publicação representou grande surpresa nos meios letrados nacionais, tal o ineditismo das ideias contidas em *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. Como se sabe, Nísia reúne neste livro o que havia de mais avançado em termos de reflexão sobre a mulher naquele momento na Europa. E ela tinha apenas vinte anos... No famoso livro de Joaquim Manuel de

Macedo – *A moreninha* – há uma referência à obra de Nísia, que revela bem a sua repercussão. E o livro teve três edições no curto espaço de oito anos: a primeira em Recife em 1832, a segunda saiu em Porto Alegre em 1833, e a terceira no Rio de Janeiro, em 1839.

IB: *Nísia Floresta tem hoje seu lugar devidamente reconhecido na história social e literária do Brasil ou ainda permanece em linhas gerais uma desconhecida?*

CLD: Digamos que Nísia Floresta (assim como outras pioneiras) começa a se tornar conhecida nos meios acadêmicos nacionais. E isso ocorre porque apenas agora as primeiras páginas da história intelectual da mulher brasileira começam a ser escritas. Na última década, a universidade brasileira passou por um especial e profícuo momento de revisão da literatura, que permitiu o resgate de antigas autoras e a reedição de obras inéditas. No caso específico de Nísia Floresta, ela tem sido tema de teses e dissertações, tanto no Brasil como no exterior. E foi a única mulher, até o momento, a participar do Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil, em 2006.

IB: *A sociedade brasileira em geral reconhece a figura de Nísia Floresta como uma mulher que lutou pelos direitos sociais de minorias, como a mulher, o negro e o índio?*

CLD: Parte desta sociedade, a mais intelectualizada e bem informada, penso que sim. Mas creio que predomina ainda entre nós um grande e absurdo desconhecimento de nossa história. Se pensarmos na história das mulheres, por exemplo, e na luta que foi preciso enfrentar para se tornarem cidadãs, poder votar, ter direito ao trabalho, ou mesmo para ter direitos mais elementares, como aprender a ler, dirigir a própria vida, etc. etc., descobrimos que sabemos muito pouco. As novas gerações devem pensar que o mundo sempre foi assim, como é hoje, que não houve uma história de lutas e de conquistas por trás de tudo. Não se conhece, por exemplo, os nomes das mulheres que lideraram estes momentos e que enfrentaram os preconceitos e as resistências que vinham de todo lado. E Nísia é uma página desta história. Aliás, uma importante página. Voltando à sua questão, digo que pouca gente sabe do papel de Nísia em tudo isso, e que não conhece o que ela escreveu para afirmar a identidade social da mulher, do negro e do indígena brasileiro.

IB: *Falemos sobre o dicionário que a senhora publicou – *Imprensa feminina e feminista no Brasil no século XIX* – que foi finalista no Prêmio Jabuti em 2017. De acordo com seu livro, *O “Espelho Diamantino” (1827-1828)* foi o primeiro jornal voltado ao público feminino. Com qual objetivo ele foi criado? Já havia mulheres na equipe?*

CLD: Seu principal objetivo, segundo os editoriais, era incentivar a educação feminina que começava a ser aceita no país. Já na primeira edição o editor responsável afirma que “conservar as mulheres em estado de estupidez, pouco acima dos animais domésticos é uma empresa tão injusta quanto prejudicial ao bem da humanidade”. Cabe observar que esse periódico surgiu no mesmo ano em que foi autorizada a abertura de escolas para meninas. Até então, as poucas jovens que sabiam ler haviam aprendido ou em casa com os pais, ou com professoras particulares, ou nos conventos. Mas, apesar de se dirigir ao público feminino, o jornal não contou com a colaboração de mulheres.

IB: *O “Jornal das Senhoras” não foi o primeiro jornal escrito por mulheres. Por que durante tanto tempo ele foi considerado como sendo o primeiro?*

CLD: Creio que o “Jornal das Senhoras” foi considerado o primeiro do país dirigido por uma mulher principalmente pelo fato de ter sido publicado no Rio de Janeiro, em plena Corte, e tratar de questões de interesse das mulheres. Em 1833 já havia circulado em Porto Alegre dois periódicos dirigidos por Maria Josefa Barreto (1786?-1837), intitulados “Belona Irada contra os Sectários de Momo” e “Idade d’Ouro”, mas que eram políticos e se posicionavam francamente a favor do Partido Conservador. E outros, como “A Mineira no Rio de Janeiro” (1833), escrito do ponto de vista de uma mulher que não se identifica, também fazia apelos enfáticos “às Brasileiras” para que se envolvessem com a política. Não deixa de ser interessante observar que os primeiros periódicos femininos não trataram de questões específicas do gênero. O clima conturbado que dominava o país durante o vazio de poder existente entre o reinado de Pedro I e Pedro II, levava o “segundo sexo” – quisessem ou não os homens – a tomar partido e eleger a política como tema prioritário.

IB: *Qual foi o contexto histórico em que foi criado o “Jornal das Senhoras”?*

CLD: Em meados do século XIX com certeza o contexto histórico estava menos conturbado, e algumas conquistas estavam mais assimiladas pela elite da sociedade carioca. A educação feminina, por exemplo, era uma realidade no Rio de Janeiro e havia dezenas de escolas dirigidas por brasileiras e estrangeiras se oferecendo para instruir as jovens. Entre elas, inclusive, estava o Colégio Augusto, de Nísia Floresta, inaugurado em 1838 e que funcionou até 1857.

IB: *Qual a importância da jornalista argentina e criadora do jornal, Joana Paula Manso de Noronha, para a imprensa feminina brasileira?*

CLD: Juana Manso fundou o Jornal das Senhoras em janeiro de 1852 com um discurso emancipacionista, mas o dirigiu por apenas seis meses. Em julho desse mesmo ano Violante Atabalipa assumiu a direção e deu uma guinada essencialista no ideário do periódico: as mulheres passam a ser enaltecidas por sua natureza angelical, delicada, etc etc. Um ano depois, felizmente, Gervázia Pires dos Santos fica à frente do jornal e ele volta a ter um tom mais firme e reivindicatório, e vai assim até fechar em 1855.

IB: *O fato de muitas publicações serem anônimas era uma forma das mulheres preservarem suas identidades? Por quê?*

CLD: Assinar uma publicação era um ato de coragem, pois significava tornar suas ideias públicas e nem toda mulher tinha coragem para tanto. Daí a utilização de pseudônimos, inclusive masculinos, da abreviatura dos nomes e mesmo do anonimato, em tantos trabalhos. Mas é preciso louvar aquelas que sempre assinaram seus trabalhos, como a gaúcha Josefa Barreto, a poetisa mineira Beatriz Brandão e Josephina Álvares de Azevedo, entre outras.

IB: *Poderia falar sobre a Editora Mulheres, de Santa Catarina, responsável por tantos títulos de escritoras do passado?*

CLD: A Editora Mulheres foi uma iniciativa da querida professora Zahidé Muzart, uma pesquisadora das mais atuantes e lúcidas no que diz respeito à revisão da literatura nacional. Creio que o catálogo da Mulheres estava com quase duzentos títulos quando encerrou as atividades. Sem sombra de dúvida, ela teve um papel da maior relevância no meio acadêmico brasileiro, exatamente por reeditar obras já esgotadas ou inéditas de antigas escritoras, assim como estudos sobre a literatura de autoria feminina. Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Carmen Dolores, Inês Sabino e Andradina de Oliveira, por exemplo, são algumas das escritoras do século XIX que tiveram obras reeditadas pela Mulheres, e puderam voltar a circular entre os leitores. Quem pesquisa antigas escritoras, ou se interessa pela literatura que elas produziram tem que conhecer esta editora.